

Inovações em Hotéis: Emoção, Sustentabilidade e Automação como signo da Arquitetura Contemporânea¹

Luciano Torres Tricárico²
Josildete Pereira de Oliveira³
Paloma Schlösser de Miranda⁴

Resumo: Trata-se de discutir o desembocar dos preceitos *funcionalistas* modernistas de arquiteturas na cidade contemporânea que, de alguma maneira foram reinterpretados ou questionados, apresentando-se hoje em três manifestações sínteses tratadas aqui: emoção, sustentabilidade e automação do espaço. Estas três condições são interdependentes, por isso o objetivo desta pesquisa é identificar obras e projetos onde elas se manifestam, de modo a indicar referenciais de projetos arquitetônicos para a prática entre os arquitetos e urbanistas. Arrisca-se, com isto, que a arquitetura contemporânea de algumas manifestações de hotéis possa melhor exemplificar tais condições levantadas. Para tanto, a metodologia desta pesquisa vai ao encontro das arquiteturas contemporâneas hoteleiras e suas representações que possam indiciar as condições de emoção, sustentabilidade e automação. Mas antes será necessário construir teoricamente as manifestações do que foi o movimento modernista na arquitetura, no intuito de entender que a preconização dos espaços contemporâneos tratados aqui pode estar na base da superação de uma estrita *funcionalidade*. A leitura dos espaços contemporâneos de hotéis (considerados como o vetor empírico da pesquisa) e a necessária sobreposição teórica estão apoiadas numa epistemologia da semiótica peirceana, destacando a *abdução* como método interpretativo e próprio à linguagem do *espaço*.

Palavras-chave: hotel.arquitetura.contemporânea

¹ Trabalho oriundo de pesquisa financiada pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) a partir de 2013 e programa de bolsas do Artigo 170 do Governo do Estado de Santa Catarina e ProPPEC (Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação, Extensão e Cultura) da UNIVALI (Universidade do Vale do Itajaí, SC) em 2012.

² Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP); mestre em Estruturas Ambientais Urbanas pela Universidade de São Paulo (USP) e doutor em Projeto, Espaço e Cultura pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é pesquisador e docente junto ao programa de Pós-graduação em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI); docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI); coordenador do LaPa – Laboratório de Paisagismo Aplicado da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Email: tricarico@univali.br

³ Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); mestre em Natureza, Meio Ambiente, Sociedade pela Université de Caen Basse, Normandie, França e doutora em Geografia pela Université de Caen Basse, Normandie, França. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Paisagem e Morfologia do Ambiente Urbano vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); docente do programa de Pós-graduação em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI); pesquisadora do Laboratório de Paisagismo Aplicado (LaPa) da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Email: joliveira@univali.br

⁴ Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UNIVALI (Universidade do Vale do Itajaí) e bolsista do programa de bolsas do Artigo 170 do Governo do Estado de Santa Catarina e ProPPEC (Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação, Extensão e Cultura) da UNIVALI (Universidade do Vale do Itajaí, SC). E-mail: paloma.miranda@hotmail.com.br

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Introdução

A aclamada e estrita *funcionalidade* do *espaço* (oriunda dos preceitos modernistas da arquitetura e do urbanismo) encontra seu esvaziamento ou falta de sentido em vários âmbitos da vida nas cidades e nas edificações.

A arquitetura e o urbanismo modernos puderam enfatizar os processos produtivos de *racionalização* e *funcionalização* da vida, adequando-os ao empreendimento do capital: a organização do trabalho, a setorização espacial das atividades humanas visando a produção econômica, a sintonia com a produção em série, standardização, linha de montagem, o modelo fordista-taylorista com o uso do tempo e do espaço como produtividade, os preceitos da Carta de Atenas (nos termos de Le Corbusier), “a forma segue a *função*”. Ou seja, o urbanismo e arquitetura modernos ampararam a ordenação material e deixaram “sucumbir” (camufladamente) os verdadeiros desejos sociais para quem a cidade (bem como suas edificações) era construída. Estes desejos eram justificados teoricamente (muitas vezes) pela *funcionalidade*. Eis que então esta venerada *funcionalidade* já não cumpre sua promessa social modernista.

Tal frustração, agora, numa atitude teórica contemporânea, procurará no valor *simbólico* do *espaço* uma tentativa de suprir o descompasso daquele desejo modernista *funcionalista* – são as teses de Robert Venturi que propõem uma arquitetura e urbanismo da comunicação, que indiciam idéias, que provoquem emoções; para além de um espaço que somente se resolvia pela lógica da *função*. Ressurge o papel da *identidade* que o *espaço* poderia oferecer como *significação* para seus ocupantes.

Mas tal atitude (já pós-moderna) do valor *simbólico* e *emocional* da arquitetura e do urbanismo não apenas se justifica por uma interpretação teórica das mazelas das teses *funcionalistas* modernistas; deve-se verificar um momento dos modos de produção (onde se hiperboliza o vetor eletroeletrônico) que suprime, de certa forma, a mecanicidade da *funcionalidade* do espaço; ou seja, os comandos eletroeletrônicos substituíam a relação que o corpo estabelecia com o *espaço* físico real. Mais uma vez a disciplina urbanística e a arquitetura teriam que estabelecer seu escopo de atuação em meio a uma crise que a era eletroeletrônica formulava para a estrita *funcionalidade* do *espaço*. Caberia, então, o papel que o espaço teria em provocar identidade, simbologia e emoção.

De sorte que a “parafernália” eletroeletrônica invadiu os modos de projetar e de edificar, é o que se verifica hoje na domótica, automação, birótica e tantos outros termos que denotam a presença desta era eletroeletrônica na construção. Mas até pouco tempo atrás muitos dos aparatos eletroeletrônicos estavam em desarranjo com as exigências (também contemporâneas) de sustentabilidade das cidades e das edificações; muitos destes aparatos desperdiçavam energia, não eram compatíveis com um uso sustentável dos espaços, descartavam recursos renováveis ou

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

energéticos, entre outros. Porém, as investidas científicas e tecnológicas na automação da arquitetura têm demonstrado a concomitante e necessária interação entre domótica e sustentabilidade dos espaços.

Verifica-se, então, que estas três condições elencadas – emoção, sustentabilidade e automação – são “fios condutores” para o projeto contemporâneo de cidade e arquitetura. Aliado a isto tudo, deve-se considerar que a arquitetura hoteleira, dada a maneira com que historicamente se formulou em alguns casos, principalmente para garantir o bem estar de seus hóspedes, procurou enfatizar o sentido *emocional* que o espaço poderia ocasionar; haja vista o empreendedorismo de Hilton (da cadeia de hotéis Hilton) quando introduz na unidade habitacional de hotel a iluminação cenográfica (para os casais em lua-de-mel, por exemplo); o uso de flores naturais como fruição olfativa e visual; ou até a introdução da música nos horários de refeições junto ao *ball room*. Nota-se, com tudo isto, que o papel do espaço poderia atribuir condições perceptivas que iriam além de uma *funcionalidade* uníssona.

A frustração da *funcionalidade* (como extensão da lógica racional modernista) vem acompanhada pelas crises do capitalismo nos anos 70 (estagflação, crise do petróleo e do Estado de Bem-Estar ou até a “crise fiscal” do Estado), encontrando a fundamentação para rápidas mudanças nos modos de produtividade e suas resultantes de (re)arranjos sobre um mesmo suporte espacial. Neste sentido, pode-se arriscar que o uso do tempo e do espaço *funcionais* passou a ser utilizado para o domínio da obtenção da riqueza: a casa *funcional*, a “máquina de morar” (segundo Le Corbusier) e a desenvoltura dos objetos domésticos deveriam proporcionar um acúmulo de tempo livre, mas sugeriu (também) a melhor e maior produção em tempo constante que pode se traduzir, por um lado, no consumismo e seus desdobramentos numa cultura pouco afeita à sustentabilidade. A procura de objetos tecnológicos acumula o tempo livre e, na aquisição deles, emprega-se o tempo para produzir o dinheiro. O tempo do ócio e lazer passou, assim, pela (re)conversão do acúmulo material e da previsibilidade ou programação consumista de experiências humanas. Nesta lógica, um estágio final da *funcionalidade*, apoiada muitas vezes pela tecnologia, pode ser a “macaqueação” (por máquinas tecnicamente de última geração) das ações triviais cotidianas, com uma “consagração” aparentemente superior. Fabrica-se o sujeito para os objetos e não apenas os objetos para o sujeito.

Até mesmo a “planta livre”, tratada conceitualmente como espaço modernista, pode ter sido (e ainda é) uma “cúmplice” da *funcionalidade* flexível do espaço, utilizada para a (re)modelação e (re)modulação de suportes espaciais a serviço da produção lucrativa. A extensão da “planta livre” (como extensão no ambiente urbano) também poderá ser interpretada como flexibilidade urbana.

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

De modo que as bases teóricas da estrita *funcionalidade* do espaço da cidade e das edificações encontraram seu questionamento na contemporaneidade. Surgem, com isto, novas condições de se pensar a prática projetual arquitetônica; ela pode se manifestar essencialmente em três paradigmas sínteses que muitas vezes não estão sistematizados ou se apresentam de maneira estanque em diversos projetos, segundo a hipótese desta pesquisa. Por isto este trabalho de investigação arriscou que estas condições pós-modernas são a emoção, a sustentabilidade e automação como superação da *funcionalidade* do espaço modernista. Bem como algumas manifestações da hotelaria são apropriadas como fatos *empíricos* para uma generalização destas três condições.

Portanto, há uma “lacuna” em sistematizar e identificar projetos de arquitetura que tratem destas questões simultaneamente, no intuito de verificar trabalhos exemplares. Neste sentido é que a análise da realidade (*empíria*) dos projetos hoteleiros poderá apoiar uma construção epistemológica disciplinar da arquitetura. Para tanto, vale lembrar que o objetivo geral desta pesquisa foi “localizar” projetos de arquitetura hoteleira que considerem simultaneamente as condições contemporâneas de emoção, sustentabilidade e automação do espaço. Disto decorreram objetivos específicos assim desenvolvidos: demonstrar o descompasso que a estrita *funcionalidade* do espaço pode acarretar nos usos do *espaço* projetado e/ou vivenciado; enfatizar as três condições hipotéticas desta pesquisa – emoção, sustentabilidade e automação – como conceitos a serem formulados em outras pesquisas vindouras e formular um elenco de projetos e trabalhos em hotelaria possivelmente exemplares para a prática do arquiteto quando se projeta um hotel.

Para tanto, eis a conveniência do método interpretativo desta pesquisa: ver, discriminar e generalizar.

Entende-se a arquitetura hoteleira como dado não verbal, o que caracteriza a busca da realidade do *espaço* socialmente construído como gerador de informação; assim, parte-se da leitura do *espaço* e sua representação (seja em fotografia, plantas baixas, cortes, perspectivas, etc) na tentativa de novas hipóteses. Por se tratar de sistema espacial, é notória sua *plurisignificação* inerente, originando uma gama de interpretações com várias possibilidades relacionais. Deve-se considerar que o método não se inicia com a formulação de uma teoria que é aplicada ao objeto no intuito de *deduzir* alguma relação teórica; mas, parte-se do *objeto* representado como gerador de novas interpretações. Em determinados momentos da pesquisa ocorreu uma simultaneidade entre objeto representado/teoria; deste modo é que a leitura bibliográfica serviu para estimular a interpretação, entendendo-a como repertório informacional e não como “mecanismo” justificativo. A *dedução*, então, junta-se à experiência *empírica* do objeto (espaços arquitetônicos hoteleiros) para possibilitar a verificação de sua formulação hipotética.

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Faz-se, com isto, a necessidade da leitura ambiental das arquiteturas de hotéis representadas graficamente em material iconográfico referente ao *objeto* de pesquisa.

A leitura se deu inicialmente com a contextualização do material iconográfico e dos espaços arquitetônicos elencados a partir do *objeto* da pesquisa que, por razões de um repertório adquirido, indicam a possível relação deles com o objetivo proposto. Esta fase compreendeu visitas periódicas nas bibliotecas da UNIVALI (Universidade do Vale do Itajaí) e a rede virtual de computadores (*internet*), uma “varredura” de fontes iconográficas e materiais que foram julgados como documento, em razão da pertinência do tempo e lugar destes estudos de caso. Este material foi, essencialmente, a propaganda de pacotes turísticos dos diferentes hotéis estudados. Eventualmente, a partir desta última atividade, pôde-se alterar o objeto e/ou os estudos de caso dos objetos, ou mesmo verificar um “objeto dentro do objeto”. A etapa sequencial compreendeu “ver” os objetos arquitetônicos “recortados”.

Disto decorre a análise dos espaços (como estudos de caso) que se faz por representações de valores que parece indiferente ao leitor (por ser habitual “aos olhos” do observador). A operação da leitura procurou estabelecer os fatos que levam a um determinado uso e função arquitetônica e, ao mesmo tempo, ordenar os significados representados dos espaços analisados. Este método esteve amparado pela *abdução* (nos termos de uma semiótica peirceana) na construção hipotética da informação não verbal. Para tanto, foram úteis os estudos de Charles Sanders Peirce (1839-1914), filósofo norte-americano considerado o fundador da Semiótica. Com ele, a lógica da *representação* se dá por *signos* que substituem o *objeto*, não propriamente em todos os seus aspectos, mas naqueles que se quer representar. Na seleção do que se pretende representar, é possível identificar uma intelecção, por parte do sujeito emissor, em propor ideologias. “Querer-se” representar indica ideologias do emissor e, depois de interpretadas como uso pelo receptor, também indica os valores deste; considerando-se, na análise, que a informação gerada pelo receptor não implica na total comunicação com o emissor; com isto, a possibilidade de interpretar a razão pela qual não se deu o objetivo primeiro da emissão. Estes processos de representação, tanto como emissor ou receptor, revelam o repertório cultural dos sujeitos e produzem significados que, associados, podem desmembrar, alterar, reconsiderar as hipóteses formuladas no início e permitir possíveis generalizações ou interpretações que estão na raiz da linguagem espacial *plurisignificativa*.

Fundamentação teórica da pesquisa

As mudanças nos modos de produção (da Revolução Mecânica à Eletromecânica, Eletroeletrônica e Eletrocibernética) alteram as relações de divisão do trabalho e do *espaço*. Na perspectiva da última fase de produção que se presencia, percebe-se a ocorrência de fatos que

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

vão além de uma perspectiva real e física da espacialidade; são as novas manifestações de virtualidade que interferem no espaço real; são as novas condições da informação e comunicação que criam um sentido de consciência do objeto quanto à sua atuação de sustentabilidade; são as novas condições de superação de mecanicidade do *espaço* que atribuem novas qualidades de experiências humanas do sublime.

O mais contundente é construir, como hipótese, que a raiz desta nova situação pode estar num modo de reinterpretação para elaborar e planejar a vida dos cidadãos nas cidades que se dava até então por um viés modernista *funcionalista*, e que talvez tenha se originado na visão do movimento moderno da arquitetura e urbanização, conjuntamente com os ideais de *racionalização* originários no Iluminismo.

De modo que a nova realidade da produção põe em questão as bases de uma arquitetura e urbanismo pautados no Movimento Moderno.

A disseminação da apresentação descritiva acrítica do modernismo nos meios acadêmicos de arquitetura e urbanismo, sobretudo na formação de profissionais, constituiu fato que, de certa forma, vem prejudicando uma eficiente análise da realidade e o conveniente uso e compreensão da noção de *funcionalidade* do espaço urbano e da arquitetura.

Este processo de passagem de um pensamento modernista *funcionalista* para uma flexibilidade do espaço pode ajudar a interpretar os valores de um pensamento *funcionalista* para a cidade e da edificação. A idéia de *funcionalizar* em compartimentos delimitados, separar, “especializar” espacializando em todas as escalas, teve origem no século XVIII, provavelmente pela influência do pensamento iluminista; surgindo, também, a noção do “programa de necessidades” (Venturi, 1995, p. 33). A estrita *funcionalização* e setorização do espaço alimentaram uma *racionalização* cotidiana do homem moderno e, em alguns momentos, considerando os necessários desejos *racionais* de resolução dos problemas do “dia a dia”, a *racionalização* encontrou soluções no que se determinou chamar por *flexibilidade*. Notou-se que a adoção de soluções específicas no e do *espaço* conduzia à “disfuncionalidade” e falta de eficiência ao passar do tempo; e com isto, mais uma vez, recorreu-se à *flexibilidade* como solução (Hertzberger, 1996, cap. 6). Para Hertzberger (1996, cap. 6), a *flexibilidade* pode adaptar mudanças surgidas, porém não pode ser a melhor solução pois produz uma neutralidade dos problemas específicos e nunca a solução mais adequada.

A arquitetura e seus novos equipamentos eletroeletrônicos também podem estar marcados pelo fator do *efêmero flexível* do *espaço*. No mundo dos objetos de *design*, quando não há coisas que se fixam no tempo e no espaço, nota-se, em alguns casos, a existência de objetos que se fazem representar pelo passado à procura de *identidades*, num “mergulho” *revival*, caracterizado, em muitos casos, pelo “estilo pós-moderno” (com recorrências formais ao neoclássico, neogótico,

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

neocolonial, etc). Como objetos arquitetônicos, o mesmo pode ser identificado em edifícios com apelo de símbolo histórico em meio à caducidade e necessária *flexibilidade* (ou *efemeridade*) de arquiteturas que abrigam setores terciários da produção. Ou, com a rigidez do código moderno de *funcionalidade*, desconsiderando elementos do cotidiano vivido, a absorção de quaisquer outros elementos poderia levar à arquitetura do *pastiche*, que de certa maneira foi o que aconteceu (Duarte, 2002, p. 158).

Cola-se à idéia de escolha de “estilos”, formas e diferentes espacialidades, o fato de que a indústria *flexível* pode atender às diferentes necessidades e “gostos” da clientela – produtos “feitos por e sob medida” (Manzini, 1993, p. 47) ou *just in time*. Jameson (1994, p. 232) alerta que o pós-fordismo pode projetar produtos específicos para mercados individuais, “respeitando” a cultura e valores locais. No entanto, para o autor, o dado do “regional” se torna um “negócio” de corporações globais e irão ditar “para você” a “sua própria” maneira de fazer os objetos.

A noção da modernidade em assumir o *efêmero* (diga-se também *espacial*) está colada à lógica do capital em possibilitar crises cíclicas, porque a necessária concorrência de mercados leva a uma nova organização (incluindo-se a do *espaço*); o programa de atividades sobre o suporte espacial muda continuamente e de maneira cada vez mais veloz – veja-se o modelo da arquitetura moderna e flexível que possibilita a “mutação” de programas. Restaria, talvez, como dado de arquitetura, o galpão (*flexível*) “decorado” (nos termos de Robert Venturi).

O aluguel ou a moradia em meios de hospedagem se constitui em outro índice para explicar a flexibilização imobiliária. Ele é um serviço que, nos moldes da economia terciária, fazem com que empresas ou até indústrias utilizem temporariamente determinados espaços; escolhe-se e se formulam *lugares* por determinado tempo, acarretando perdas de *visibilidade* (Ferrara, 2000).

Com isto, pode-se verificar, sucintamente, algumas diferentes maneiras de se interpretar o problema dos anseios *funcionalistas* sobre o espaço, de tal forma que este modelo funcional teve que se justificar como carga teórica amparando a *flexibilidade*.

A superação do que se convencionou chamar pelo Movimento Moderno encontra na sustentabilidade outra manifestação para a prática da arquitetura e do urbanismo contemporâneos. A sustentabilidade surge também em função da pós-modernidade “localizar” uma crise do modelo moderno de produção, modo de vida ou até “sobrevivência” dados os problemas ambientais e degradação do meio, exploração e esgotamento dos recursos naturais de ecossistemas.

Pretendeu-se também neste trabalho de pesquisa uma justificativa *empírica* dos *espaços* que manifestadamente podem assim contribuir para uma fundamentação teórica acerca do tema – caso da hotelaria contemporânea – daí a noção de *hospitalidade* ir ao encontro da *emoção* provocada pelo *espaço*: receptividade e acolhimento do visitante, satisfação de ordem psicológica,

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

necessidade de trocas culturais onde tanto hóspedes como anfitriões sejam restaurados e modificados como um bem social (Dias, 2002).

Empiria através da hotelaria e possível sistematização para emoção, sustentabilidade e automação do espaço

Os primeiros meios de hospedagem são datados na Antiguidade na Ásia, Europa e África, onde ocorriam rotas comerciais, e que geravam também núcleos urbanos e centros de hospedagem aos viajantes. Na idade Média a hospedagem começou a ser feita em mosteiros e abadias. Naquele momento hospedar era uma virtude espiritual e moral. Posteriormente, com a instituição da Monarquia na maioria dos países da Europa, os próprios palácios desempenharam o papel de hospedagens, como signo de cortesia. No século XVII surgiram efetivamente os primeiros hotéis na Inglaterra, na Europa Continental e nos Estados Unidos, estimulados pela Revolução Industrial e o desenvolvimento do capitalismo e as conquistas trabalhistas com o direito às férias e o lazer “distante da casa”. Os estabelecimentos hoteleiros começaram a se concentrar em áreas próximas a estações ferroviárias, consequência gerada pelo aumento no número de viajantes. Após a Segunda Guerra Mundial, houve um grande crescimento econômico nos países desenvolvidos, e por consequência a ampliação da renda da população que externava seus desejos em viagens, inclusive como representação social (Andrade, Brito, Paulo & Jorge, cap. 1).

Os hotéis como se apresentam neste momento, com funcionários específicos para cada atividade, maior conforto nas acomodações e maior privacidade, surgem somente no século XIX, resultantes do processo de desenvolvimento e de globalização da economia mundial, que além de gerar um progressivo fluxo de viagens regionais e internacionais, ampliou a forma acelerada de lazer e do turismo que passou a ser, efetivamente, o grande promotor das redes hoteleiras. Arelado a esse fato, a maior parte dos novos hotéis construídos assimilou o hábito de abrigar espaços para a realização de convenções, necessariamente flexíveis e de fácil acesso, dado também significativo para a alteração da tradicional tipologia do setor (Andrade, Brito, Paulo & Jorge, cap. 1).

Mais do que cumprirem acomodações eficientes para os diferentes usos e funções que atualmente um hotel pode encerrar, eles podem provocar os sentidos dos ocupantes; são, por vezes, o próprio destino turístico. Neste sentido é que foram pesquisados vários hotéis para esta pesquisa. Porém, por motivos de apresentação em artigo científico, foram elencados três deles; sendo dois na América do Sul e um europeu. Este último é o The Hotel Lucerna na cidade de mesmo nome, projeto do arquiteto Jean Nouvel. Os outros dois são o Hotel Faena em Buenos

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Aires na Argentina e o Hotel Fasano na cidade do Rio de Janeiro, Brasil; os dois de autoria do arquiteto Philippe Starck.

The Hotel Lucerna

Lucerna, destino turístico em região com lagos na Suíça. Neste caso, os hotéis mais procurados estão nas proximidades destes lagos. Mas um novo hotel inserido na região central passou a ser um atrativo, seja pela “assinatura” do arquiteto Jean Nouvel, seja pelas condições de espacialidades criadas por ele. Neste sentido, as três situações – emoção, sustentabilidade e automação – são perceptíveis. Trata-se de uma intervenção em um prédio já existente, muito provavelmente com valor histórico patrimonial pelo arcabouço urbano em que suas fachadas devem ser preservadas. Eis então o valor de sustentabilidade urbana no reaproveitamento de uma “casca” arquitetônica que já está provida de toda uma infra-estrutura de água, esgoto, telefonia, rede viária, acessibilidade, etc (Figura 01).

Este valor por considerar o existente e não construir algo totalmente novo “fora” de uma situação já urbanizada é um dos preceitos de sustentabilidade urbana. E mais: cria situações em que se impedem os grandes deslocamentos de automóveis pela cidade, já que o hotel está inserido na malha urbana consolidada e, portanto, garantidas as proximidades com serviços, lazer, cultura. Não à toa seu público alvo se constitui por executivos.



Figura 01. Fachada do The Hotel Lucerna

Fonte: <http://www.mimoo.eu/projects/Switzerland/Luzern/The%20Hotel>

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Mas a intervenção no interior da “casca” é onde melhor pode revelar as categorias de emoção e automação dos espaços. Nouvel é um “pintor” com o uso da luz, cria ambientes “dramaticamente” encenados através de iluminação artificial; é nítida a recorrência à técnica do *chiaroscuro* oriunda do Maneirismo e do Barroco (Figura 02).



Figura 02. Interior do lobby do hotel Lucerna

Fonte: <http://www.arcoweb.com.br/interiores/jean-nouvel-hotel-lucerna-suica-31-07-2003.html>

A recorrência estilística ao Maneirismo e Barroco não é somente um simples “pastiche” de citação sintática visual; ela também se constrói semanticamente. Nestas correntes artísticas passadas o uso de temas *mitológicos* na pintura procuravam “profanar” o ideário religioso preconizado desde a Idade Média, fazendo da pintura uma “catarse” em que os *mitos* são providos de defeitos humanos, como que deuses representados por figuras humanas próprias à *mitologia*. Mas os *mitos* de Nouvel são contemporâneos, são atores e atrizes de cinema estampados no teto das unidades habitacionais, tal como os afrescos, as telas e o *trompe-l’oeil* do Barroco (Figura 03). Metaforicamente propõem os “novos” *mitos* da pós-modernidade, talvez mais humanos do que antes naquela *mitologia* clássica grega ou romana.

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul



Figura 03. Interior de unidade habitacional do hotel Lucerna

Fonte: <http://www.arcoweb.com.br/interiores/jean-nouvel-hotel-lucerna-suica-31-07-2003.html>

O restaurante do hotel é outro fator considerável, pois está localizado no subsolo e também faz referência aos temas da pintura em sua ambientação, bem como o uso da automação.

Temas de natureza-morta são codificações ligadas ao local de se comer ao longo dos tempos; e eis que Nouvel propõe uma “ironia” com uma “natureza-viva” (por assim dizer); é através de um mecanismo de espelhos (Figura 04) onde se possibilita a entrada de luz e do burburinho da cidade para dentro do restaurante. Se a moldura do quadro encerrava a “natureza-morta”, agora com a proposta de Nouvel, o espelho é que ilustra a “natureza-viva” da cidade, criando um ambiente mutante e diáfano, quadros onde o conteúdo da pintura se movimenta (Figura 05).

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

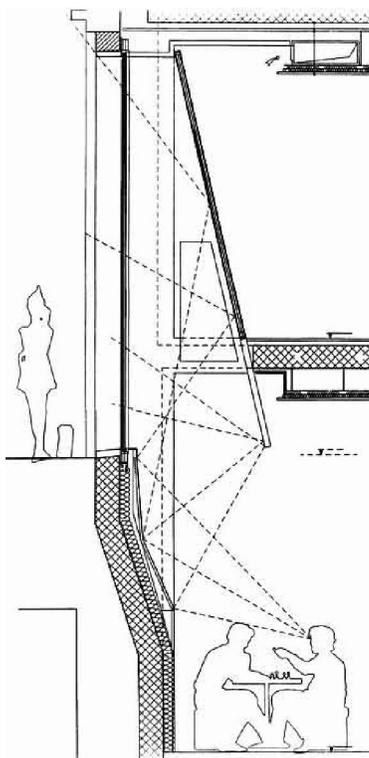


Figura 04. Esquema do funcionamento do mecanismo do espelho

Fonte: <http://www.arcoweb.com.br/interiores/jean-nouvel-hotel-lucerna-suica-31-07-2003.html>



Figura 05. Interior do restaurante do hotel Lucerna

Fonte: <http://www.luxuriousmagazine.com/wp-content/uploads/2012/08/lucerne.jpg>

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

E mais, quanto à automação: um sistema de telas eletroeletrônicas pode exibir a manufatura do alimento sendo processado; ou seja, o cliente ou hóspede pode assistir a sua comida sendo preparada na cozinha através destas telas, daí o fator da emoção estendida como “ritual” de preparação do alimento.

Hotel Fasano

Localizado em Ipanema no Rio de Janeiro, a arquitetura do hotel compõem uma esquina de grande visibilidade nesta praia carioca (Figura 06). Configura a esquina e toda edificação com uma estrutura metálica, a qual, pelas características técnicas, pode promover remodelações, (re)modulações e até mesmo quando desmontada pode ser reciclada, dados adequados para o valor de sustentabilidade desta obra. Neste sentido parece “irônico” que logo ao entrar no hotel o lobby possua um grande balcão de recepção feito com um tronco de pequiá (Figura 07).



Figura 06. Fachada do Hotel Fasano

Fonte: <http://stayceats.files.wordpress.com/2010/11/dsc00464.jpg>

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul



Figura 07. Recepção do hotel Fasano com tronco de pequiá

Fonte: <http://www.ihr-hotels.com/media/images/hotel/fasano-hotel-rio-de-janeiro--rj-789427.jpg>

Starck pode propor uma provocação bem apropriada ao contexto brasileiro; uma construção de significado pelo abuso de desmatamentos. O tronco de pequiá é feito com corte e polimento “exatos”, porém com “entranhas” naturais da madeira; numa possível dicotomia daquilo que é natureza justaposta com aquilo que é processado pelo homem, e que irá “morrer”, pois se trata de natureza; porquê o intento em modificá-la?

O corredor de acesso às unidades habitacionais do hotel altera os códigos conhecidos deste compartimento de circulação e passagem dos hóspedes. Tratado com revestimento de madeira nas paredes, o corredor pode ser um espaço de maior aconchego; seu piso se faz com tapete marcado por um “X” como que demarcando um lugar, para além de ser um simples caminho. E recebe uma poltrona Up5 de autoria de Gaetano Pesce que pode evocar uma grande matrona convidando o hóspede para se fixar ali (Figura 08), “convidando” o hóspede a ocupar também o corredor como espaço aprazível.

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul



Figura 08. Hall de unidades habitacionais no hotel Fasano

Fonte: <http://myinspiredwedding.com/files/2012/07/Hotel-Fasano-Rio-de-Janeiro-Brazil-Decor.png>

O hotel é dotado por gerenciamento automatizado, o que permite maior conforto, comunicação e hospitalidade para com seu hóspede; além de cortesia de sistema eletrônico através de *wireless* (rede sem fio) por todos os ambientes para acesso à rede mundial de computadores (*internet*). As unidades habitacionais possuem cortinas, luzes e sistema de som automatizados, e pelo fato de estarem de certa maneira “escondidos”, podem promover uma surpresa ao se criar (por exemplo) uma ambientação diferenciada através do “jogo” de luzes.

Hotel Faena

Está localizado em Puerto Madero, em meio aos galpões de antigas docas portuárias desativadas. Este ideal de recuperação de áreas degradadas, porém infra-estruturadas na cidade, é um condicionante para a sustentabilidade urbana. E neste caso ainda, o hotel é parte de uma antiga doca reaproveitada.

O interior projetado por Starck confere valor de requinte aos espaços, como que a lembrança de uma época em que a Argentina se firmou como um dos países mais ricos da América do Sul. Cabe atenção ao restaurante do hotel: cabeças de unicórnios na parede retomam o ideal da caça, assim como temas *mitológicos*; não à toa a citação de virgens estampadas em tela. O branco é preponderante na composição do espaço interior; mas eis que surge o vermelho de modos pontuais na composição; e o faz com o código conhecido do “tapete vermelho” como

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

símbolo para aqueles distintos que podem passar por ele. Mas este tapete não é único, há vários tapetes vermelhos sob as mesas, onde todos são privilegiados pelo código dele, quebrando-se qualquer pretensa hierarquia de lugares (Figura 09).



Figura 09. Interior do restaurante do hotel Faena

Fonte: <http://daniporai.com.br/teste/wp-content/uploads/2012/04/faena-hotel-vanitypolygon-1.jpg>

As unidades habitacionais são dotadas de cortinas de veludo vermelho, que num repente podem “descortinar” as vistas para o Rio da Prata, porque são acionadas por automatização.

Considerações finais

Há uma nova lógica da hotelaria que talvez é que melhor possa evidenciar as categorias de análise aqui propostas nesta pesquisa – emoção, sustentabilidade e automação – identificada como hotéis boutique, hotéis de arte ou hotéis *design*. Independentemente destas classificações da hotelaria, o que se nota é uma personificação dos ambientes de hotel amparada por uma dotação

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

de tecnologia necessária para os anseios de um novo hóspede (que é uma manifestação de um ser humano desta última fase da produção – a eletroeletrônica). É o que muitos chamam por *high tech and high touch* na hotelaria; o *touch* neste caso é o “toque pessoal”. Ainda que se possa notar uma categoria ou outra de análise como mais evidenciada nestas novas formas da hotelaria, pode-se inferir que é talvez nesta condição destes novos hotéis que se encontra uma síntese das manifestações contemporâneas da arquitetura.

Nota-se que o hotel não procura simplesmente o espaço “agradável”, mas é aquele espaço capaz de comunicar, de provocar significado, de propor uma idéia ou ideal, uma associação cognitiva através da linguagem do espaço. Por esta lógica da linguagem espacial é que podemos assinalar o valor da *plurisignificação* inerente a ela, onde o valor comunicativo nem sempre é domínio do arquiteto ou *designer* proponente, a comunicação vai além deste domínio da significação pelo autor da obra; o que é próprio da obra de arte (como dado “aberto”), por isso permite ao ocupante formular interpretações próprias, e por isso (também) emociona.

Referências bibliográficas

- Andrade, N., Brito, Paulo L. & Jorge, Wilson Edson (2000). *Hotel: Planejamento e Projeto*. Editora SENAC: São Paulo.
- Dias, Maria Célia de Moraes (Org.) (2002). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. São Paulo: Manole.
- Duarte, Fábio (2002). *Crise das matrizes espaciais*. São Paulo: Perspectiva/FAPESP.
- Ferrara, Lucrecia D’Alessio (2000). *Os significados urbanos*. São Paulo: Edusp/FAPESP.
- Hertzberger, Herman (1996). *Lições de arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes.
- Jameson, F. (1994). *Espaço e imagem, teorias do pós-moderno e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.
- Manzini, Ezio (1993). *A matéria da invenção*. Lisboa: Centro Português de Design.
- Venturi, Robert (1995). *Complexidade e Contradição em Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes.